
A INTRODUÇÃO DE UMA NOVA ENTIDADE NO TEXTO NARRATIVO: ESTUDO
COMPARATIVO ENTRE AS LÍNGUAS ESPANHOLA, FRANCESA E PORTUGUESA¹

Miriam Rose BRUM DE PAULA²

Université de Paris X/ UFSM

Gema SANZ ESPINAR

Université de Paris X/

Universidad Autónoma de Madrid

1. Introdução

Neste artigo, analisaremos alguns fenômenos relativos à referência às entidades em narrativas orais produzidas por locutores nativos de três línguas romanas: o espanhol, o português e o francês. Para tanto, iremos delinear um quadro teórico e metodológico que sirva ao estudo proposto, ou seja, à análise interlingüística de uma função discursiva bem específica: *a introdução de referentes em textos narrativos*.

2. Quadro metodológico teórico

O *corpus* é constituído de 15 narrativas orais (5 para cada língua) que foram coletadas em entrevistas efetuadas com três grupos diferen-

¹Neste trabalho, examinaremos três amostras de variedades cultas orais: o espanhol da Espanha, o francês da França e o português do Brasil (Rio Grande do Sul).

²Bolsista da CAPES - Brasília, Brasil. brum@u-paris10.fr

tes de adultos, universitários, que as concederam após terem visto uma montagem do filme *Os Tempos Modernos*, de Charles Chaplin. Preservando o objetivo comunicativo da linguagem e tendo a responsabilidade pelas gravações, assistimos a primeira parte dessa montagem com cada locutor. A segunda parte, porém, não contou com nossa presença. As narrativas foram gravadas quando, ao término do filme, solicitamos relato da segunda parte da montagem, ou seja, a que não tínhamos assistido.

Um modelo de produção oral: Levelt

Os dados obtidos exigem um quadro teórico e metodológico que permita a descrição de enunciados produzidos em situação comunicativa e, igualmente, a comparação interlingüística.

Dessa forma, servimo-nos do modelo de produção lingüística proposto por Levelt (1989), que distingue três etapas relativas à produção da linguagem:

- a conceitualização da informação, tanto em nível global quanto em nível local, com vistas a verbalizá-la, isto é, linearizá-la;
- a formulação que consiste na seleção e na distribuição do material lingüístico, nos enunciados (interação do léxico, da morfologia e da sintaxe);
- e a articulação da fala.

Centralizaremos nossa atenção nas duas primeiras etapas desse modelo, ou seja, na conceitualização e na formulação.

Apoiando-se, indiretamente, nessas duas operações (conceitualização/ formulação) lingüístico-cognitivas, Klein & Von Stutterheim (1989) propõem, para a análise de textos, um modelo que leva em consideração a linearização e a eventual hierarquização da informação. No quadro de análise semântico-textual denominado *quaestio*, cada tipo de texto contém especificidades decorrentes de uma pergunta (*quaestio*) que o define. A pergunta geral que estrutura uma narrativa poderá ser enunciada, teoricamente, da seguinte maneira: *O que acontece após Ti (um momento dado)[para P (um personagem)]?*

No que concerne à macroestrutura do texto narrativo, essa *quaestio*, que pode ser implícita (ou não), permite a identificação de dois planos discursivos: a *trama* (ou estrutura principal, temporalmente definida) e o *pano de fundo* (estruturas secundárias ou complementares). Assim, as proposições³ que respondem diretamente à *quaestio* constituem a *trama narrativa*.

O conjunto de uma narrativa é considerado como uma tela de referentes distribuídos nas proposições que a compõem. Algumas pertencem à trama; outras, ao pano de fundo. Essas duas estruturas devem formar um todo coerente e coesivo, no qual os diversos referentes são introduzidos, “deslizados”, mantidos ou reintroduzidos. As quatro funções textuais de base estão relacionadas a duas dimensões relativas à unidade textual: a linearização e a hierarquização da informação.

A estrutura de um texto é restringida tanto em nível global como

³Definimos proposição como o conteúdo semântico-referencial correspondente a um processo (procès), seus argumentos (entidades) e suas coordenadas espaço-temporais. Tal conjunto é dotado de uma modalidade.

em nível local pela *quaestio* a qual ele responde. Essas restrições compreendem, segundo Klein & Von Steutterheim (1989):

1. a repartição do texto entre trama (estrutura principal) e pano de fundo (estrutura complementar);
2. o preenchimento de diferentes domínios referenciais dentro de cada proposição da trama;
3. o movimento referencial;
4. o tópico e o foco de cada proposição da estrutura principal.

Em nível microestrutural, dois aspectos serão colocados em evidência: um de ordem semântico-referencial; outro de ordem enunciativa. Para o aspecto semântico-referencial, os diferentes domínios representados num texto são a referência ao tempo, aos processos (*procès*)⁴, às entidades, ao espaço e à modalidade. No que tange à referência, dentro das proposições da trama, são as seguintes as restrições:

- o deslizamento constante da referência temporal;
- a permanência da referência às entidades (personagens ou objetos);
- a introdução de processos (*procès*) do tipo ação ou processo (principalmente aqueles que possuem bordas);
- a ausência de uma restrição absoluta no que tange à referência ao espaço;
- e a modalidade assertiva.

Quanto ao aspecto enunciativo, ainda em nível microestrutural, a *quaestio* determina o estatuto informativo dos elementos contidos na

⁴Um processo (*procès*) é uma categoria semântico-cognitiva. Trata-se da conceitualização de uma situação, isto é, uma representação mental de um estado-de-coisas ao longo do tempo. Segundo Langacker (1990), trata-se de "uma configuração que se estende necessariamente no tempo e é dada em seqüência".

proposição: ou eles fazem parte do *tópico*⁵, ou fazem parte do *foco* (fokus, segundo Perdue, 1995).

Assim, nas narrativas, duas *quaestiones* podem ser consideradas no que respeita às entidades:

O que aconteceu após T para P?:

sendo T= tempo passado, referência temporal e

P = entidade mantida em tópico.

ou

O que aconteceu após T? (Nesse caso, não há referência pressuposta às entidades. Ela deve ser aplicada em foco⁶.)

Referência às entidades: a introdução

A partir desse quadro teórico e metodológico, somos levados a empreender, inicialmente, uma análise proposicional, em que possamos distinguir, para cada uma das proposições, os cinco domínios referenciais acima relacionados. Como já foi destacado, empreenderemos uma análise dos dados referentes unicamente ao domínio das entidades.

Nessa perspectiva, a questão central, aqui tratada, é a seguinte: de que maneira os locutores nativos, das três línguas românicas citadas, introduzem novas entidades num discurso oral de tipo narrativo? Mais precisamente, iremos analisar a preferência, manifestada por esses locutores, de introduzir entidades em posição pré-verbal ou pós-verbal em

⁵*Tópico* é a informação prevista pela *quaestio*, logo pressuposta.

⁶*Foco* é a informação que deve ser especificada.

função de dois fatores:

- o caráter definido ou não-definido do grupo nominal (limitado aqui à presença dos artigos definido e indefinido);
- e o papel semântico da entidade dentro do processo (*procès*) do qual ela participa.

Salientamos que, nas três línguas estudadas, encontramos pronomes e morfemas verbais que fazem alusão às pessoas do discurso e sistemas de artigos definidos e indefinidos (os pronomes não serão focalizados, pois são pouco freqüentes no caso de introdução de um novo referente). Observamos que a existência de recursos lingüísticos e de expressões semelhantes, nessas três línguas, não são suficientes para garantir uma mesma utilização desses no discurso.

Distintos níveis de análise

Com o objetivo de apreender o fenômeno "introdução de um novo referente no domínio das entidades", analisaremos o *corpus* levando em consideração três diferentes níveis de análise que são complementares: o nível textual, o nível enunciativo e o nível referencial.

a) Nível textual. Entendemos por introdução de uma referência no domínio das entidades, os casos abaixo relacionados:

- a *introdução pura*: é o caso da primeira menção de um referente no texto.

exemplo: *A menina estava caminhando pelas ruas.*

- o *deslizamento associativo* é a introdução de uma entidade que está relacionada à outra já introduzida (anteriormente) nesse mesmo domínio.

exemplo: *A menina, (que havia perdido o pai), rouba o pão.*

- a *introdução de um referente*, pela primeira vez no domínio das entidades, que já havia sido introduzido anteriormente em outro domínio.

exemplo: *on le fait monter dans le fourgon (fazem-no subir no furgão) (*fourgon* é introduzido no domínio do espaço.)*

(...) e *après le fourgon se renverse* (e depois o furgão vira)

(introdução de *fourgon* no domínio das entidades.)

b) Nível enunciativo. Como já destacamos, utilizaremos as definições de *tópico* e de *foco* do modelo de análise textual proposto por Klein & Von Steutterhelm (1989). A introdução de uma entidade é feita sempre em *foco*, exceto em alguns casos de introdução com deslizamento de uma outra entidade. Isso acontece quando a referência, de um outro domínio, é mantida e introduzida, pela primeira vez, no domínio das entidades:

exemplo: *Ils vont dans un camion qui les emmène en prison*

(eles vão num caminhão que os leva à prisão)

Esse nível enunciativo é, sem dúvida, mais relevante nos trabalhos referentes à permanência ou à reintrodução de uma entidade, mas, mesmo assim, foi levado em consideração neste estudo.

c) Nível referencial. Estudamos o papel das entidades levando em conta os processos (*procès*) nos quais elas participam. A partir da tipologia de Klein (1994), distingüimos três tipos de processos (*procès*): processos a 0 estado (0-state), processos a 1 estado (1-state) e processos a 2 estados (2-state)⁷.

- Os processos a 0 estado (propriedades) consistem de uma entidade fonte relacionada a um predicado qualitativo, que anotamos, de maneira abreviada, F0.

exemplo: la maison (F0) *est en bois* (a casa é de madeira)

- Os processos a 1 estado (estados, processos e acontecimentos sem bordas intrínsecas) consistem de:

- uma entidade fonte, cuja notação é F1.

exemplo: *mas* o problema (F1) *continuava o mesmo.*

- eventualmente, encontramos uma entidade alvo que não limita o predicado. A denominamos A1.

exemplo: *Il* lit le journal (A1) (ele lê o jornal)

- Os processos a 2 estados (processos que possuem uma fronteira intrínseca) têm, freqüentemente, dois argumentos: fonte (F2) e alvo (A2):

exemplo: Chaplin (F2) *rencontre* la fille (A2). (Carlitos encontra

⁷Poderemos citar, igualmente, outros trabalhos que nos nortearam. Bascamo-nos, de maneira experimental, na relação predicativa de Culicì (cf. Groussier & Rivière, 1996: esquema de dois polos orientados: fonte e alvo, ou melhor, *source* et *but*) e a tipologia de processos (*procès*) de De Vogüé (1991), Franckel e Paillard (1991): processos compactos (exclusivamente qualitativos), processos densos (evento sem bordas intrínsecas) e processos discretos (eventos com bordas intrínsecas).

a menina)

- No caso de processos a três argumentos, anotaremos A2' esse terceiro argumento.

exemplo: *la femme (F2) a dit au boulanger(A2')*

(a mulher disse ao padeiro)

- Enfim, nos processos que contém um único argumento, faremos menção a um híbrido fonte-alvo que designaremos F2A2.

exemplo: *un policier (F2A2) arrive* (um policial chega)

3. Por uma análise do referente

Começaremos nossas observações relativas a cada língua fornecendo alguns percentuais e, em seguida, listaremos os meios empregados na introdução de referentes, segundo a posição em que eles foram utilizados no discurso. Assim, para cada língua, dividiremos esses meios em dois grupos: entidades introduzidas nas posições pré-verbal e pós-verbal. Em cada grupo, tais meios serão listados segundo os recursos formais empregados (artigos definidos, ou indefinidos; se são ou não precedidos de preposição ou de algum outro elemento como, por exemplo, *il y a*, no caso da língua francesa). Quando fizermos referência a outros meios, esses corresponderão a determinantes, numerais e pronomes, por exemplo. A essas informações acrescentaremos o papel semântico do grupo nominal, que será expresso pelos meios: F2, F1, F0, A2, A1 e F2A2. Faremos, eventualmente, algumas anotações do nú-

mero elevado, ou inexpressivo desses papéis semânticos.

Narrativas em espanhol

Em espanhol, o percentual de introduções em posição pré-verbal é de 20%, enquanto que, em posição pós-verbal, ele é de 79%. A posição pré-verbal é menos freqüente do que a posição pós-verbal. A fim de introduzir entidades nessa posição, os locutores de língua espanhola utilizam os seguintes recursos:

1. Artigos definidos + nome (substantivo), sobretudo com um papel semântico F2.

exemplo: *entonces es cuando la niña roba el pan*
(então é quando a menina rouba o pão)

2. Artigos indefinidos + nome: F2 e A1.

exemplo: *una señora dice (F2)* (uma senhora disse)

3. *Haber*⁸ + artigo indefinido + nome + relativa: F2.

exemplo: *había una señora (que llama a la policía)*
(havia uma senhora (que chama a polícia))

4. Outros meios: diferentes papéis.

exemplo: *está en la furgoneta que le lleva a la cárcel (F1)*

⁸O artigo indefinido precedido de *haber*, em espanhol, é relacionado em posição pré-verbal (como no caso de *il y a*, em francês). Por questões práticas, consideramos essa estrutura como equivalente à estrutura francesa; porém, cabe ressaltar que elas não possuem o mesmo valor. Em espanhol, ela não possui um caráter tão marcante semanticamente como ocorre, às vezes, em francês. Por isso, em *había una señora (que llama a la policía)* deveríamos contar duas proposições, mas é difícil medir a perda do caráter lexical de um verbo, nesse caso.

(está no furgão que o leva à prisão)

Na posição pós-verbal, que é a mais freqüente, encontramos:

1. artigo definido + nome : A2, F2A2, F1, A1.

exemplo: *le prepara ella el desayuno*

(ela prepara para ele o café da manhã)

2. (a) + o artigo indefinido + nome: A2, A2' e F2A2.

- Se A2 (animado/humano/específico, é precedido da preposição <a>)

exemplos: *llama a un policía* (chama um policial)

roba un pan a un hombre (rouba um pão de um homem)

- Se A2' (é sempre precedido de "a"):

exemplo: *roba un pan a un hombre*

- Nos outros casos não há preposição : F2A2.

exemplo: *ven cómo se despide un matrimonio*

(assistem um casal se despedindo)

3. Os outros meios utilizados têm diferentes papéis semânticos.

Narrativas em francês

Como em espanhol, a posição pós-verbal é a preferida (63%). Os procedimentos para determinar o nome são mais variados em língua

francesa.

Em posição pré-verbal, os meios são os seguintes:

1. artigo definido + nome (complemento preposicional ou relativa): papel F2, F2A2 e F1.

exemplo: *la chaise tombe* (F2A2) (a cadeira cai)

2. artigo definido ou indefinido + nome + pronome relativo: papel F2A2 somente.

exemplos: *alors un policier qui arrive* (F2A2) (então um policial chega)

La table qui s'écroule (F2A2) (a mesa cai)

3. *il y a* + artigo indefinido + nome + relativa: papel semântico F2 ou F2A2 e alguns F1.

exemplo: *il y a une jeune fille qui vole un pain* (F2)

(há uma menina que rouba um pão)

4. Outros meios: diferentes papéis.

exemplo: *que ça a peut-être du bon*

Em posição pós-verbal, os dois meios principais são:

a) (*à*) + artigo definido + nome. exemplo: *et qui appelle le policier* (A2)

b) (*à*) + artigo indefinido + nome. exemplo: *il y a une fille qui vole un pain* (A2)

Com essas configurações, as entidades em posição pós-verbal possuem, quase sempre, em francês, o papel (de objeto) A2 e A2' (pre-

cedidas de "à").

Nas três línguas maternas, aqui analisadas, somente em francês encontramos a estrutura:

c) *par* + definido ou indefinido + nome: F2, que serve para introduzir agentes através de uma voz passiva em posição pós-verbal.

exemplo: *et puis ils sont rattrapés par le boulanger*

(e depois eles são pegos pelo padeiro)

Narrativas em português

Verificamos, tanto em espanhol quanto em francês, a preferência dos locutores pela posição pós-verbal a fim de introduzir uma entidade. Em português, esse percentual é de 69%. Os meios para introduzir uma entidade, em posição inicial ou em posição final, são quase que exclusivamente:

- artigo definido + nome;
- e artigo indefinido + nome.

Assim, em posição pré-verbal, podemos observar que os nomes indefinidos têm sempre um papel semântico F2, ou seja, fonte de um processo a 2 estados. Por outro lado, os nomes definidos são associados a diferentes tipos de fontes:

a) artigo definido + nome: F1, F2 e F2A2

exemplo: *a mocinha roubou um pão (F2)*

b) artigo indefinido + nome: todos F2.

exemplo: uma mulher viu

c) outros meios + nome: diferentes papéis.

exemplo: várias coisas caíram na casa (F2A2)

Em posição pós-verbal, existe uma tendência a fazer aparecer papéis A2. De fato, encontramos 73% de referentes introduzidos em posição pós-verbal com esse papel semântico.

1. artigo definido + nome: F2 ou F2A2

exemplo: e Carlitos pegou o jornal (F2)

e nesse mesmo tempo apareceu a menina (F2A2)

2. artigo indefinido + nome: A2, A1, F2A2 e F1

exemplos: e daí ia passando uma mulher na rua (F1)

veio um policial (F1A2)

3. *pra* + nome: F2'. Raro, pois são freqüentemente omitidos em português, nesse caso.

exemplo: e a mulher diz *pro* padeiro e pro guarda

4. outros meios: diferentes papéis.

exemplo: só que de repente tudo muda assim (F2A2)

4. Conclusões

Uma comparação entre as narrativas produzidas aponta para a existência de diferenças entre as três línguas:

1. Todos os locutores, exceto os hispânicos, utilizam, entre as entidades introduzidas antes do verbo, maior número de artigos definidos do que indefinidos. Entre as entidades introduzidas em posição pós-verbal, encontramos um número maior de indefinidos, com exceção do espanhol.

2. No que concerne à relação entre o papel semântico de uma entidade e a posição que ela ocupa, constatamos diferenças em função do número de argumentos do verbo. Faremos menção dos processos (procès) tipicamente narrativos, isto é, a 2 estados.

2.1. Nos processos a 2º estados que compreendem dois ou três argumentos:

- o papel semântico A2 (entidade denominada, tradicionalmente, de paciente). Em nenhuma das línguas tratadas aqui, esse papel aparece em posição pré-verbal;

- no que concerne ao papel F2 (entidade chamada, tradicionalmente, de agente) verificamos que :

a) em português, ele aparece somente em posição pré-verbal e nunca precedido de uma estrutura do tipo // y a.

b) em francês, o papel semântico F2 ocupa, quase que exclusivamente, a posição pré-verbal. No caso de ser indefinido, é sempre precedido de // y a. Assim, o artigo indefinido parece não fornecer as delimitações necessárias para que a entidade possa servir de ponto de partida ao

enunciado.

Ainda em francês, encontramos agentes introduzidos após o verbo através da voz passiva e da preposição *par*.

c) em espanhol, o papel F2 aparece, sobretudo, em posição pré-verbal, mas se ele aparece em posição pós-verbal, será sempre indefinido.

2.2. Nos processos a 2 estados que possuem um único argumento, denominados, aqui, F2A2:

a) em português, a ocorrência de F2A2 efetua-se tanto na posição pré-verbal quanto na posição pós-verbal;

b) em francês, esse papel semântico aparece, sobretudo, em posição pré-verbal;

c) em espanhol, a posição pós-verbal é ligeiramente mais empregada.

Dentre os aspectos comuns existentes entre essas línguas, dois serão postos em evidência. O primeiro concerne à utilização de artigos definidos e indefinidos na introdução de uma entidade no discurso. Esse emprego é comum às três línguas em questão.

Os artigos definidos são empregados quando:

- o referente é introduzido pela primeira vez no discurso, mas não é percebido como novo. É o caso da menina;
- a entidade introduzida está ligada à outra já referida no texto. É o caso do deslizamento associativo;
- igualmente, o caso do referente que havia sido introduzido em outro domínio e que "desliza", sendo então introduzido no domínio das entidades;

-
- e, finalmente, quando há menção a um referente abstrato como, por exemplo, a entidade “a polícia”.

Os artigos indefinidos são utilizados quando a entidade é introduzida pela primeira vez e é percebida, pelo locutor, como referência nova. O exemplo típico é a referência à menina, pois trata-se de um personagem conhecido pelos interlocutores e que é reativado na segunda parte do filme. Isso não impede, no entanto, que esse personagem seja introduzido através de um artigo definido. De fato, alguns locutores fazem uso desse último recurso. O contexto é decisivo para que possamos compreender essa dupla possibilidade:

- é somente quando há introdução da menina como A2 (em relação a um F2, no caso, Carlitos), que há alternância entre definidos e indefinidos. Os locutores ou memorizam a existência desse personagem, que aparece na primeira parte do filme, ou o percebem como entidade a ser introduzida, pois, anteriormente, Carlitos ainda não havia encontrado a menina.
- no caso de haver introdução da menina como F1 ou F2, o papel de protagonista do filme é reativado e o artigo definido é utilizado.

O segundo aspecto comum ao conjunto das narrativas é a preferência em introduzir uma entidade em posição pós-verbal. Segundo Klein & Von Steutterheim (1989), a introdução do foco em posição final é o procedimento típico utilizado a fim de introduzir um novo referente no discurso. Essa maneira de proceder contribui para que a progressão da informação se realize *de proche en proche* (Combettes, 1988), isto é, segundo uma progressão linear onde o foco (rema, na terminologia de Combettes) de uma proposição torna-se o tópico da proposição sub-

seqüente.

A progressão linear não é, entretanto, o único tipo de progressão possível ligado à introdução de um referente. Podemos exemplificar, citando a progressão "a tema derivado" (Combettes, 1988) como nas duas seqüências abaixo:

a) *y bueno tiene cosas*

*la viga de encima de la puerta se cae cuando cierra la puerta
después un trozo de techo lo tienen sujeta con una escoba
cosas así*

hay una puerta se apoya él se cae⁹

A macroplanificação dessa seqüência realiza-se a partir das entidades, que são expressas no início de cada proposição após o "anúncio", por parte do locutor, de que fará referência às "coisas" que há na casa.

b) *pues nada le pasan de todas las cosas*

se les cae el techo

se les cae las sillas

se les cae la mesa¹⁰

A macroplanificação dessa última seqüência é feita de outra

⁹bem ela tem coisas

a viga que se encontra sobre a porta cai quando ele fecha a porta
depois um pedaço do teto eles o escoram com uma vassoura
coisas assim

há uma porta ele se escora ele cai

¹⁰bem muitas coisas acontecem com eles

o teto cai
as cadeiras caem
a mesa cai

maneira, ou seja, a partir dos acontecimentos. Como anteriormente, após ter enunciado que iria falar de "coisas" que ocorrem com Carlitos e com a menina dentro da casa, o locutor opta por colocar, no início das proposições, os acontecimentos e não as entidades.

Enfim, abordando os processos (*procès*) a 2 estados (tipicamente narrativos), colocaremos em evidência duas constatações:

Em primeiro lugar, a existência de meios expressivos formalmente semelhantes, nas três línguas românicas estudadas, não garante uma mesma utilização desses recursos no discurso. Percebemos uma maior afinidade das posições sintáticas com o papel semântico em português e em francês. Em espanhol, essas posições estão freqüentemente vinculadas à organização da informação. A fim de explicar essa diferença ressaltamos que, em espanhol, a preposição "a" serve para marcar caso. Essa preposição introduz o papel semântico A2 e permite uma maior liberdade no que concerne à ordem dos elementos.

Em segundo lugar, as observações abaixo-relacionadas relativas à ordem prioritária no que se refere aos processos (*procès*) de dois e três argumentos, não são sem conseqüência com relação à progressão da informação adotada em cada uma dessas línguas.

- A ordem dos elementos é mais livre em espanhol (A2 + processo ativo + F2, válida para a voz ativa);
- em francês, é possível inverter a ordem das palavras (F2 + processo passivo + *par* + A2);
- em português, a ordem prioritária concerne F2 + processo ativo + A2.

É necessário, no entanto, que outras funções textuais (a reintrodução, a permanência e o deslizamento) sejam, igualmente, tratadas

para que se possa compreender a interação entre elas e as prováveis conseqüências que as mesmas engendram no discurso e em sua heterogeneidade constitutiva.

Anexo

Enredo da montagem de Os Tempos Modernos

Na primeira parte desse filme, duas histórias são apresentadas em paralelo: a história de uma garota e a de "Carlitos"¹¹. Esses dois personagens são introduzidos, assim, de maneira individual. Carlitos, na primeira história, participa de uma manifestação de trabalhadores. Ao ser confundido, pela polícia, com o líder dessa manifestação, acaba por ser preso. Na cadeia, após ter ingerido uma substância alucinógena, salva policiais e, o diretor da prisão de um complô programado por alguns presidiários. Por esse motivo, e contra a vontade de Carlitos, ele recebe uma carta de recomendação - que o ajudará a encontrar emprego - e é liberado. A menina, na segunda história, vagueia pelo caos com suas duas irmãs menores. Seu pai está desempregado.

Durante uma manifestação, o pai da menina é assassinado. Ela e suas irmãs ficam sozinhas e são enviadas, pelo Estado, a um orfanato. A menina, no entanto, consegue fugir. Na segunda parte do filme, os dois personagens, a garota e Carlitos, se encontram. Esse encontro ocorre quando Carlitos está andando pelas ruas da cidade e a menina, após ter roubado pão, esbarra com ele. Os dois caem no chão e, nesse momento, são encontrados pela polícia, que havia sido advertida por uma senhora e pelo padeiro.

No desenrolar da trama, há uma passagem em que Carlitos tenta assumir a culpa do roubo do pão, mas os policiais não acreditam e levam a menina presa. Carlitos, então, resolve voltar para a cadeia. Entra num self-service, come e não paga a conta. Ele mesmo chama um guarda para que o prenda e, assim, vai preso. No furgão, encontra, novamente, a menina. Após um acidente com o furgão, eles fogem.

Quando assistem a uma cena entre um casal que aparentemente tem uma vida ajustada os dois resolvem também viver juntos. Na seqüência do filme, a garota encontra uma casa abandonada, quase em ruínas, onde eles vão morar. A montagem termina quando os dois decidem ir embora a fim de procurar emprego em outro lugar.

Referências Bibliográficas

- COMBETTES Bernard (1988): *Pour une grammaire textuelle (La progression thématique)*. Paris-Gembloux, Éditions J. Duculot.
- DE VOGÛE Sarah (1991): La transitivité comme question théorique: querelle entre la Théorie des positions de J.C. Milner et la Théorie des Opérations Prédicatives et Énonciatives d'A. Culioli. In: LINX n° 24. p.37-66.
- FRANCKEL Jean-Jacques & PAILLARD Denis (1991): Descret-Dense-Compact: vers une typologie opératoire. In: FUCHS JC. (eds) *Les typologies de procès*. Paris, Klincksieck. Actes et colloques XXVIII. p.103-135.
- GROUSSIÉ Marie-Line & RIVIÈRE Claude (1996): *Les mots de la linguistique. Lexique de linguistique énonciative*. Paris, Ophrys.
- KLEIN Wolfgang (1994): *Time in Language*. London. Routledge.
- LANGACKER R. (1991): Noms et verbes. In: *Communications 53. Sémantique cognitive*, p.103-153.
- LEVELT William J.M. (1989): *Speaking: From Intention to Articulation*. Boston, Mass: M.I.T. Press.
- PERDUE Clive (1995): *L'acquisition du français et d'anglais par des adultes: former des énoncés*. Paris: Ed. du C.N.R.S.

¹¹Carlitos: personagem de Charles Chaplin.

VANDIJK, Teun A. (1995): *Texto y contexto (Semántica y pragmática del discurso)*. Madrid. Cátedra. col. Lingüística.

von STUTTERHEIM Christiane & KLEIN Wolfgang (1989): Referential movement in descriptive and narrative discourse. In.: DIETRICH R. & GRAUMANN C.F. (eds.) *Language processing in social context*. Amsterdam: North-Holland. p.39-67.